

Sobreposições na construção da memória na conversação: Um estudo com narrativas de velhos da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA)

Overlaps in the construction of memory in conversation: A study with narratives of elders of the Arara community in Teixeira de Freitas (BA)

Superposiciones en la construcción de la memoria en la conversación: Un estudio con narraciones de ancianos de la comunidad de Arara en Teixeira de Freitas (BA)



Bougleux Bomjardim da Silva Carmo

Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Teixeira de Freitas (BA), Brasil.

E-mail: bougleux.carmo@hotmail.com.

Resumo: Neste artigo, analisa-se o trabalho colaborativo de construção da memória na interação, notadamente, as sobreposições (GARCEZ; STEIN, 2015) e “engates” (PRETI, 1991) das falas, fundamentando-se na análise da conversação (MARCUSCHI, 2000) e em estudos narratológicos (GEORGAKOPOULOU, 2015; NORRICK, 2019; WERSTCH, 2008). O *corpus* constitui-se de conversas e narrativas de três idosos da comunidade Arara em Teixeira de Freitas (BA). Como resultado, destacam-se as ações cooperativas dos sujeitos na composição das histórias, os engates como marca de cognição distribuída, as sobreposições como pistas de envolvimento interacional, a inter-relação entre narrativa, memória e conversação e, finalmente, elementos centrais da memória social e coletiva da comunidade em tela.

Palavras-chave: Conversação. Engates. Memória. Pequenas histórias. Sobreposição.

Abstract: In this paper, the collaborative work of memory construction in interaction is analyzed, notably, the overlappings (GARCEZ; STEIN, 2015) and “hitches” (PRETI, 1991) of speech, based on conversation analysis (MARCUSCHI, 2000) and narratological studies (GEORGAKOPOULOU, 2015; NORRICK, 2019; WERSTCH, 2008). The *corpus* of the work constitutes conversations and narratives of three elderly people of Arara community in Teixeira de Freitas (BA). As a result, we have the cooperative actions of the subjects in the composition of the stories, the couplings as a mark of distributed cognition, the overlaps as a clue of interactional engagement, the interrelation between narrative, memory and conversation, and, finally, central elements of the social and collective memory of the community studied.

Keywords: Conversation. Hitches. Memory. Overlap. Small stories.

Resumen: En este artículo se analiza el trabajo colaborativo de construcción de la memoria en la interacción, en particular, los solapamientos (GARCEZ; STEIN, 2015) y “acoplamientos” (PRETI, 1991) de los discursos, a partir del análisis de la conversación (MARCUSCHI, 2000; TRAVAGLIA; NEGREIROS, 2019) y de los estudios narratológicos (GEORGAKOPOULOU, 2015; NORRICK, 2019; WERSTCH, 2008). El *corpus* está constituido por conversaciones y narraciones de tres personas mayores de la comunidad de Arara en Teixeira de Freitas (BA). Como resultado, destacamos las acciones cooperativas de los sujetos en la composición de los relatos, los acoplamientos como marca de la cognición distribuída, los solapamientos como pista de la implicación interaccional, la interrelación entre narración, memoria y conversación y, finalmente, elementos centrales de la memoria social y colectiva de la comunidade estudiada.

Palavras clave: Acoplamientos. Conversación. Cuentos cortos. Memoria. Superposición.

Submetido em 05 de abril de 2022.

Aceito em 29 de setembro de 2022.

Publicado em 01 de fevereiro de 2023.

“A gente num saiu pra canto nenhum a gente nasceu e CRIOU e ficou velho aqui mermo...”

(Sr. Eusébio da Conceição Silva, 84 anos)

Introdução

A análise da linguagem de pessoas idosas¹ – ou como nomeia este trabalho, a linguagem de velhos – tem recebido pouca atenção da pesquisa linguística em geral. Porém, as lembranças que emergem na oralidade, na interação, no ato de narrar e, especialmente, na conversação implicam considerar suas funções no contexto da mediação sociocultural (BOSI, 2004). Não obstante, apesar da acentuada estigmatização social contra essas pessoas, há “um aspecto bem característico do discurso dos idosos: o prazer de falar para ouvintes atentos e interessados; a satisfação de lembrar” (PRETI, 1991, p. 18). Por isso, o presente estudo congrega discussões acerca da conversação, da narrativa e da memória em sua interdependência.

Nesta perspectiva, consoante Bastos (2004), no processo de se compreender a vida social, é possível encontrar elementos-chave para o entendimento, por exemplo, da narrativa como construção situada na singularidade de cada contexto de análise (GEORGA-KOPOULOU, 2015), de modo que nada está totalmente pré-determinado na interação, pois tudo aí é fruto de trabalho cooperativo, no qual intervém dimensões culturais e psicossociais em diferentes ordens. Por conseguinte, a conversação é, para além de uma das formas de uso da linguagem a partir de diferentes gêneros (TRAVAGLIA; NEGREIROS, 2019), uma forma basilar e cotidiana de organização e ação sociais em sua mundanidade (SACKS, 1992).

Isso posto, bem como considerando as funções das sobreposições e os “engates” das falas na conversação com velhos, especificamente, nas narrativas construídas pelos sujeitos acerca de

¹ Preti (1991) emprega o termo idoso e, neste trabalho, entende-se a referida expressão como uma construção sociocultural e jurídica relativa à chamada terceira idade, especialmente instituída pelo Estatuto do Idoso (BRASIL, 2013), fruto de longas e históricas pesquisas gerontológicas, assim como pode ser entendido como uma construção social de um discurso socioeconômico sobre o envelhecimento (COUTRIM, 2006). Por conseguinte, tem-se uma tradição específica constituída no bojo das Ciências Humanas e Sociais. O termo velho, mais empregado neste artigo, não se trata de um adjetivo com conotações oriundas do senso comum, mas, na verdade, corresponde à categoria sociológica que contribui para pensar a velhice como construção social, cultural e biológica, tal como empregado em estudos de diferentes tradições epistemológicas (BOSI, 2004).

suas vivências na comunidade de pertença, objetiva-se analisar o processo colaborativo de construção da memória em uma perspectiva sociocognitiva, na qual a dimensão discursiva e textual não se desvinculam dos aspectos cognitivos, isto é, integra-se à análise a noção de cognição social em sua versão distribuída (PAVEAU, 2013), relacionando-se “a natureza cognitivo-discursiva da memória no discurso” (PAVEAU, 2013, p. 113).

O estudo desenvolve-se a partir da seguinte problemática: para além de sua função estruturante da conversação, notadamente quanto ao processo de gestão e nos modos como os sujeitos mobilizam o gerenciamento e resolução das falas sobrepostas (GARCEZ; STEIN, 2015), qual seria a relação das sobreposições e dos engates com a construção conjunta da memória, especificamente, na organização de narrativas-em-interação conversacional? Em razão desse questionamento, importa ainda a explicitação de como as sobreposições e, concomitantemente, os “engates” configuram-se também como efeitos da tentativa dos interlocutores de garantir a informatividade, a coerência global e a “completude” da narrativa, funcionando como intervenções que suprem a carência do turno do sujeito para propiciar fluência, sinalizando também o engajamento dos sujeitos. Por isso, seguindo pistas de Preti (1991) e Bastos (2004), é necessário cruzar elementos verbais e extraverbais, “integrando uma perspectiva interdisciplinar à discussão” (BASTOS, 2004, p. 121).

Para tanto, este estudo pauta-se, a priori, na perspectiva da Análise da Conversação, especificamente quanto às sobreposições de turnos de fala (MARCUSCHI, 2000) e “engates” (PRETI, 1991), embora o artigo faça uso da descrição, proposta por Garcez e Stein (2015), que volta-se ao gerenciamento de turnos em perspectiva etnometodológica como forma de compreender a ação social e a socialidade²; em segundo, o artigo ancora-se nos estudos sobre narrativas em perspectiva interacional (GEORGAKOPOULOU,

² Em virtude do diálogo teórico traçado, há distinções epistemológicas centrais a serem observadas, uma vez que a Análise da Conversação, campo teórico das Ciências da Linguagem, intenta descrever a sistematicidade da língua e os processos de sua atualização nas interações, enquanto a Análise da Conversação configura-se originalmente como ramo da Sociologia que busca compreender os modos como os sujeitos tratam suas ações e as ações dos outros (SILVA; ANDRADE; OSTERMANN, 2009). É possível afirmar que a Linguística Aplicada também tenha absorvido e agregado o campo etnometodológico em seu escopo contemporaneamente. Conforme bem esclarece Dionísio (2004, p. 70, grifo nosso): “enquanto os sociólogos reconhecem que a conversação nos diz algo sobre a vida social, ao procurarem responder a questões do tipo ‘como nós conversamos?’, os linguistas da Análise da Conversação perguntam ‘como a linguagem é estruturada para favorecer a conversação?’ e reconhecem que a conversação nos diz algo sobre a natureza da língua como fonte para se fazer a vida social”.

2015; NORRICK, 2019) e, finalmente, nos estudos da memória sob a ótica sociocognitiva (HIRST; ECHTERHOFF, 2012; PAVEAU, 2013; SCHEGLOFF, 2000; WERSTCH, 2008).

Metodologicamente, a descrição e análise qualitativa operam-se sobre um *corpus* de entrevistas, narrativas e conversações com três moradores antigos, velhos e velhas da comunidade Arara, com aproximadamente de 3h de duração, das quais foram extraídas as sobreposições e engates presente no interior de pequenas estórias (GEORGAKOPOULOU, 2015). Isso posto, urge evidenciar a importância da descrição linguística cada vez mais encarnada, a partir da perspectiva de que os sujeitos, suas memórias e singularidades são parte da análise linguística e fundamentais para compreensão dos fenômenos em estudo.

Neste âmbito, situar elementos da história, da cultura e do cotidiano dos velhos e velhas de Arara, uma comunidade rural com remanescentes de quilombolas em Teixeira de Freitas (BA), considerando o papel da narrativa como *lugar de memória* na interação verbal. Como organização retórica, o artigo assim se planifica: no primeiro momento, expõem-se as categorias teóricas da Análise da Conversação que sustentam a descrição dos dados; no segundo momento, apresenta-se a perspectiva sociocognitiva da memória no âmbito dos estudos interacionais e de narrativas. Na sequência, tem-se o delineamento dos procedimentos metodológicos, a apresentação dos sujeitos da pesquisa e da natureza do *corpus*. A partir disso, procede-se com a descrição das ocorrências consoante as chaves teóricas adotadas. Finalmente, nas considerações finais, dispõe-se acerca das limitações e potencialidades, além dos desdobramentos do presente estudo.

Memória como trabalho sociocognitivo conjunto

A construção de narrativas em situações de interação implica a mobilização de recursos semióticos diversos pelos participantes, criando um todo que se situa para além do que cada sujeito fornece em um dado contexto, ao passo que cada um torna o universo

cognitivo visível aos interlocutores (GOODWIN, 2015). Na prática, importa considerar que “toda narrativa se adequa ao contexto em que é contada e é fruto direto das relações estabelecidas no âmbito da interação” (FLANNERY, 2015, p. 25). Nesse sentido, há a performance narrativa, já que interlocutores podem partilhar de um universo referente de lembranças e também monitorar os erros intersubjetivamente. Desse modo, assume-se que a memória é elemento ativo na produção discursiva, processo dinâmico de categorização, de “acúmulo” e elaboração de sentidos (PAVEAU, 2013), assim como a cognição distribuída é tanto causa quanto efeito da conarração e corrememoração (NORRICK, 2019).

Outrossim, para Norrick (2019), as experiências passadas são coconstruídas pelos interactantes, uma vez que são parcialmente partilhadas pelos sujeitos como parte da memória na interação social. Nessa acepção, a memória encontra esteio na narração, funcionando como um mosaico, pelo qual cada locutor apresenta sua contribuição acerca dos eventos recordados. Não é à toa que memória e narrativa são, em grande medida, trabalho de equipe (NORRICK, 2019). Como resultado, narração não é apenas recapitulação, mas reconstrução de experiências e é uma forma de reviver os eventos, na qual a verbalização com seus diferentes recursos linguísticos – tais como sobreposições e engates, como este estudo intenta descrever – contribui para sequencialização e molde das recordações (NORRICK, 2019).

Sendo assim, estórias em conversação pressupõem um narrador que conhece o evento A e, ao narrá-lo, o reconstrói vicariamente como AB com incrementos considerados reportáveis. O domínio dos detalhes outorga o direito de contar, assim como o processo de esquecimento torna-se um recurso importante na corrememoração. Por isso, a conarração envolve partilha, esforço conjunto e domínios diferenciados sobre um mesmo ocorrido (NORRICK, 2019). Contudo, na relação memória e conversa, importa não só as razões para rememorar o passado e interagir, mas os efeitos comunicativos da lembrança (HIRST; ECHTERHOFF, 2012).

Conforme os referidos autores, toda lembrança é seletiva e vincula-se à história social de cada sujeito. Todo ato de lembrar faz remissão às outras rememorações, bem como a informatividade da memória tem relação com o processo comunicativo e o contágio social, isto é, os sujeitos se influenciam intersubjetivamente na conversa que, por sua vez, molda a memória em um processo que se dá em função do contexto e das relações entre interlocutores, oradores e ouvintes mutuamente (HIRST; ECHTERHOFF, 2012). Além disso, a noção de contágio social implica comunicação, difusão de práticas, ideias etc. nos contatos interpessoais.

O esforço em lembrar certos eventos cria condições para o esquecimento de outros, assim como a relação de confiabilidade no orador influencia diretamente a absorção ou não de novas informações. Em consequência, a memória é moldada na conversação, posto que lembrar de certo evento implica esquecer outros no interior daquilo que é recordado e, por essa razão, os sujeitos podem ter vivido o mesmo evento, mas registram detalhes diferentes de forma diversa (HIRST; ECHTERHOFF, 2012). O trabalho da memória na conversação e nas interações reforça a partilha e a construção social da realidade, na qual subjaz a *dimensão relacional* pela criação de conexões e filiações entre indivíduos e, ao mesmo tempo, a *dimensão epistêmica*, referente ao modo de estabelecer o que é real e confiável (HIRST; ECHTERHOFF, 2012).

Daí, portanto, memória e narrativa serem expressões mediadoras da identidade, assim como situam os sujeitos em um determinado espaço sociocultural. Por esse motivo, destaca-se a importância de ater-se também à performance narrativa (FLANNERY, 2015), uma vez que cada narrador tem um modo próprio de agir ao contar histórias. Com efeito, em virtude da constituição situada da conversação e da rememoração, as narrativas costumam apresentar forte indexicalidade³, ou seja, os signos – linguísticos ou não – apontam para algo externo a eles e, por consequência,

³ Esse fenômeno, de ordem semântico-pragmática, fica bastante explícito na análise dos dados deste trabalho, já que os relatos foram construídos na presença do sujeito pesquisador. A intermitência da indexicalidade aponta para o caráter semiótico da construção narrativa, das interações em geral e da memória cognitivo-discursiva.

externo ao discurso, aos relatos e aos sentidos construídos (DE FINA; GEORGAKOPOULOU, 2012).

Como resultado, diferentes expressões dêiticas e gestos, por exemplo, insurgem durante o agir narrativo, fato que contribui para situar os interlocutores na conversação, em razão do caráter dêítico e indexical da comunicação em uma perspectiva pragmática da construção dos sentidos (LEVINSON, 2007). Soma-se a isso, a recusa de uma visão internalista da cognição e da memória (PAVEAU, 2013), já que ambas não estão fixas ou “enclausuradas” no espírito dos indivíduos, mas se distribuem no outros, em seus discursos, nos artefatos discursivos e no mundo à volta. Sob essa ótica, “toda produção verbal se inscreve, com efeito, em uma linha discursiva, regida pelo trabalho da memória” (PAVEAU, 2013, p. 127) e do esquecimento na produção do discurso, pois a memória cognitivo-discursiva possui uma dimensão pragmática.

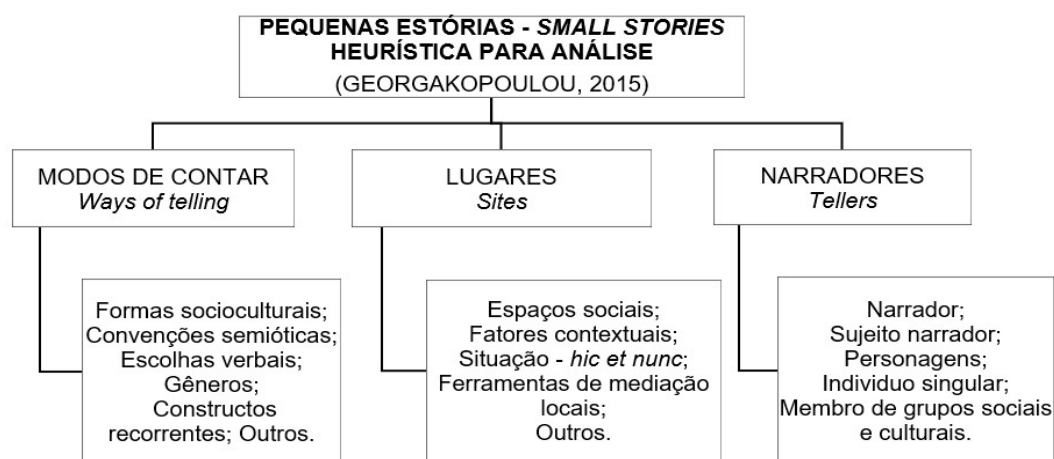
Não obstante, as narrativas não se estabelecem aleatoriamente como discurso coconstruído na interação. Para Werstch (2008), as tradições narrativas particulares e cada sistema cultural dispõem de modelos narrativos esquemáticos que fornecem certas estruturas abstratas subjacentes às diferentes e específicas narrativas. Isso tem efeitos importantes na memória coletiva como representação do passado compartilhado. Nesse âmbito, postula-se que a memória é também distribuída tanto socialmente nos grupos quanto de forma “instrumental”, pois se dá a partir de ferramentas culturais, agentes, instituições, tecnologias e narrativas (WERSTCH, 2008). Nessa direção, a proposta de Georgakopoulou (2015) contribui para pensar a estruturação narrativa emergente na conversação como um todo.

Grosso modo, considera-se que nem todas as narrativas estruturam-se segundo o modelo canônico, baseado na juntura temporal reportável de ao menos duas cláusulas que recapitulam dada experiência, como no caso o modelo sociolinguístico laboviano, no qual o *hic et nunc* interacional comumente é desconsiderado (GEORGAKOPOULOU, 2015). Sendo assim, reconhece-se o processo interativo, actancial e de construção de sentidos no processo

de narrar, além de outros parâmetros estruturantes da narrativa, porquanto esta deixa de ser entendida apenas como uma representação de evento passado em uma sequência.

Georgakopoulou (2015) constrói o conceito de *small stories* – pequenas histórias – para abarcar a multiplicidade de esquemas e formas narrativas, considerando aspectos históricos, a circulação discursiva e a situacionalidade para a circunscrição de uma pequena narrativa. Trata-se ainda de considerar determinados critérios com certa flexibilidade, mas evitando a prescritividade que possa anular os processos de negociação e mediação das diferentes formas de se contar uma história e socialmente reconstruir as experiências. Esse modelo descritivo permite o diálogo com outros parâmetros de investigação, posto funcionar pela articulação de multicamadas. Para tanto, a autora postula ao menos três níveis de análise sintetizados a seguir:

Figura 01 – Esquema da análise de pequenas histórias



Fonte: Elaborado pelo autor.

A interatividade, a construção das identidades, posicionamentos, maneiras de engajamento, negociações e expectativas são alguns dos elementos inseridos no nível “modos de contar”. As particularidades e sistemas culturais mencionados por Werstch (2008) encontram-se aí representados. A heterogeneidade contextual, a

historicidade, a construção social e situacional da realidade se dá no nível “lugares ou sítios” em suas múltiplas configurações sociais, culturais, políticas etc. Sendo os sujeitos seres sociais, considera-se a inserção nos mais diferentes grupos e, como personagens narrativamente construídos, tem-se as biografias e os mundos reais e imaginários dos narradores – *tellers*.

Georgakopoulou (2015) coloca, portanto, a estrutura a serviço da função, entendendo que são diversas instanciações analíticas que articulam o *espaço-tempo-sujeito* naquilo que é rotulado como *pequena estória*. O modelo brevemente exposto se apresenta como recurso mais viável, no contexto deste artigo, para a análise situada das sobreposições e engates na relação com a coconstrução da memória.

Sobreposições de falas e engates na análise conversacional

Sendo a conversa uma forma básica e cotidiana de organização e interação social, no face a face, o discurso é inteiramente “coproduzido”, sendo produto e, ao mesmo tempo, um “trabalho colaborativo” incessante – esta é a ideia-força que embasa o enfoque interacionista das produções linguísticas” (KERBRAT-ORCCHIONI, 2001, p. 11), ou seja, uma forma de ação social e uma forma de *discurso dialogado*. Não constitui objetivo deste trabalho historicizar o disposto na literatura cerca das sobreposições de falas, senão assinalar características centrais do fenômeno para efeitos da análise e descrição propostas.

No âmbito da análise conversacional, campo que ancora o presente trabalho, conforme Marcuschi (2000), as sobreposições são elementos organizativos fundamentais e ocorrem quando se dá a fala de um locutor durante o turno de outro. Normalmente, se efetiva com pequenas sentenças de ressalva, concordância, discordância, assim como, em função do monitoramento entre locutores, há projeções em finais de cláusulas, de turnos ou mesmo na passagem entre eles (MARCUSCHI, 2000). No caso da conversação de idosos, a rememoração é condição estruturante do

discurso, posto ser empreendida a partir de inúmeros recursos linguísticos (PRETI, 1991). Dentre os níveis de análise que o autor julga fundamentais, tem-se a questão da fluência e convém observar elementos pragmáticos, prosódicos, sintáticos e discursivos para sua compreensão.

De fato, as relações com a memória são proeminentes, convém mencionar, por exemplo, a questão dos lapsos, o ritmo de fala, excesso de pausas, construções de solicitação de ajuda, repetições, autocorreções, dentre outros elementos aventados pelos interlocutores para “resolver dificuldades de memória” (PRETI, 1991, p. 40), assim como há um esforço de apoio em comum. Dessa maneira, a rememoração é um verdadeiro trabalho no sentido sociocognitivo (BOSI, 2004) e linguístico-interacional (NORRICK, 2019).

Do ponto de vista da ação social e do gerenciamento de turnos, a tipologia das sobreposições é mais especificada em Garcez e Stein (2015) que, partindo de Schegloff (2000), aprofundam a descrição em dados do português brasileiro. Para os autores, as sobreposições têm relação com os efeitos do processo de tomada de decisão que cada interlocutor realiza em função da ação do outro. Na prática, “cada parte precisa tomar posição quanto à sobreposição em desenvolvimento, podendo ‘desistir’, parar de falar; continuar como se não houvesse outra pessoa falando” (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 169) em vista das “diferentes posições que os participantes podem tomar frente à sobreposição de vozes” (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 169).

Nesse âmbito, as sobreposições⁴ distinguem-se das “interrupções”, apresentam indícios e inter-relações com situações relativas a **gênero, classe e poder, embora** “a organização da conversa se baseia em um conjunto de orientações normativas que governam a própria construção do turno” (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 168). Em

4 Urge inserir algumas ressalvas quanto ao uso, neste artigo, da descrição presente na abordagem dos referidos autores. Com efeito, para Garcez e Stein (2015), assim como para a Análise da Conversa em geral, vigora-se o estudo “dos procedimentos empreendidos pelos participantes da interação para co-construírem suas ações sociais” (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 162) com fins à compreensão mútua do comportamento. Assim, não é intenção deste trabalho descrever a ação social, mas apropriar-se da descrição proposta pelos autores acerca das sobreposições assumindo-as como característica da organização textual da conversação, ou seja, como conhecimento linguístico mobilizado pelos sujeitos para a compreensão pragmática mútua (MARCUSCHI, 2000).

virtude da orientação basilar “fala-um-de-cada-vez”, há o gerenciamento e transferência de turnos para minimizar sobreposições.

De fato, isso pressupõe processos de gerenciamento, porquanto entra em jogo como cada coparticipante reage, se posiciona e toma decisões para guiar o evento e resolvê-lo (GARCEZ; STEIN, 2015). Em consequência, para os referidos autores, há as sobreposições não problemáticas e as problemáticas que podem interferir no andamento da interação, mas todas elas se dão em uma mesma conversa de modo geral.

A pesquisa supramencionada detém-se nas sobreposições não problemáticas⁵ e há quatro tipos delas. No entanto, o presente estudo não utiliza dados dos referidos autores, pois os exemplos expostos são oriundos de um inquérito 396-D2, do Projeto Norma Urbana Culta – NURC⁶, base das citações em Preti (1991). No entanto, neste artigo, não são empregados os mesmos trechos utilizados pelo referido linguista.

Dito isso, o primeiro tipo de sobreposição corresponde à *sobreposição terminal*, na qual um locutor projeta precocemente o fim do turno de seu interlocutor, como na intervenção de L1 em (01):

01. Sobreposição terminal

- L2 o apelido dele que era doutor...
L1 [Doutor Guandê... o apelido dele...

O segundo tipo é a *sobreposição continuadora*, exprimindo atenção (GARCEZ; STEIN, 2015) e certa responsividade, sem inter-

⁵ Importa considerar que a tipologia proposta pelos autores é adotada para encontrar em outros *corpora* os tipos de sobreposições elencadas. Entendemos que cada tipologia exprime, ao mesmo tempo, não só elementos de uma estrutura prática da ação social em diferentes níveis de granularidade, consoante a perspectiva etnometodológica de Garcez e Stein (2015), igualmente caracteriza-se como um modo de organização discursiva do texto falado, isto é, como características importantes na organização conversacional, conforme Marcuschi (2000). Em suma, tem-se um mesmo fenômeno que pode ser tomado sob diferentes perspectivas teóricas e epistemológicas.

⁶ Todos os excertos utilizados nesta seção foram retirados do referido inquérito que, por sua vez, tem como tema central “vestuário e diversões” e os locutores são um homem e uma mulher idosos. Em relação aos exemplos, tanto o áudio quanto a transcrição do inquérito estão disponíveis no sítio eletrônico, a saber: <https://nurc.fflch.usp.br/node/62>. Acesso em: 10 set. 2021. A transcrição como um todo se apresenta em um único arquivo não paginado, porém a marcação das linhas favorece a localização dos dados.

ferir no andamento do turno anterior, como se vê na pequena intervenção de Doc. no meio do turno de L1 no excerto 02:

02. Sobreposição continuadora

L1 eu estou vendo NO Casarão essa:: aquela moça de chapéu mas:: ...
Doc. [Uhn uhn

No terceiro tipo, tem-se a construção colaborativa com “acesso condicional ao turno”, exprimindo reparo, busca por palavras etc. (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 173), consoante observado nas sobreposições que L2 e L1 realizam conjuntamente acerca do tópico:

03. Sobreposição de acesso condicional ao turno

L2 Calça comprida...
L1 [mais tarde
L2 [que apareceu a culote ()
L1 [a jupe

No quarto tipo, tem-se *vozes em coro*, “atividades que são tratadas pelos participantes como produções a ser feitas deliberadamente em simultaneidade” (GARCEZ; STEIN, 2015, p. 174). No exemplo a seguir, ocorre a múltipla autoescolha de turno (MARCUSCHI, 2000):

04. Sobreposição com vozes em coro

Doc. [sutiã?
L2 [sutiã? éh:: ()
L1 [SUtiã
L2 De sutiã

Os falantes orientam suas intervenções não somente pela relação entre turnos, conforme sistema de trocas, expectativas de tomadas de turno, mas também pela batida silábica, o que envolve atenção a elementos prosódicos, tal como volume, prolongamento e outros elementos observados para a resolução de sobreposições (GARCEZ; STEIN, 2015). Do ponto de vista do texto falado ou conversacional, são múltiplos os efeitos discursivos, pragmáticos e comunicacionais advindos da configuração resultante.

Por sua vez, os “engates” fazem parte do rol de recursos interacionais para a resolução das dificuldades locais na construção da memória cognitivo-discursiva, emergindo no processo de gerenciamento de turnos em um verdadeiro alinhamento de coconstrução do texto falado, garantido, por exemplo, informatividade e coerência global (JUBRAN, 2015). Os engates são definidos como um trabalho cooperativo das falas “que ocorre quando o interlocutor, reconhecendo a estrutura que está sendo desenvolvida pelo falante que está com a palavra, resolve completá-la, antes que ele o faça” (PRETI, 1991, p. 48).

Em geral, há sobreposição de falas, ainda que parcialmente, embora incorra em certo controle intuitivo da intervenção. Pondera-se que, na fala de idosos, a ocorrência maior de pausas facilita a injunção de engates, como se vê no inquérito 396-D2:

05. Exemplo de engate

L1 Reparam mais nas moças os moços naturalmente

L2 as moças ()... mas:: vocês::...

[você andavam... de fraque pra ir ao cinema

Nota-se o engate de L2 com sombreamento da palavra “vocês” ao completar a elocução de L1 no momento da pausa e da hesitação, exprimindo o processo colaborativo. Jefferson (1973) postula que os interactantes podem identificar o momento e o lugar precisos para inserir sua elocução colaborativa ou “conclusiva” frente

à declaração ainda não concluída pelo locutor anterior. Isso é um dos elementos, portanto, que torna o *engage* distinto da sobreposição. Com efeito, seguindo as pistas dadas pelos estudos supra-mencionados, não só a emergência das sobreposições mostra a estruturação da ação social durante a interação, como também sinaliza para aspectos do *modus operandi* da reconstrução da memória no texto falado e corresponde a uma das variadas estratégias de organização textual-interativa (JUBRAN, 2015).

Metodologia: Sujeitos, *corpus* e procedimentos

A presente pesquisa é de cunho qualitativo, primando pela análise indutiva e situada do fenômeno em estudo, embora haja “um grande cuidado com as generalizações fáceis, com a homogeneização e simplificação do que é observado” (BASTOS; BIAR, 2015, p. 104). Nesse âmbito, adota-se a perspectiva narrativa da investigação, já que a “experiência acontece narrativamente. Pesquisa narrativa é uma forma de experiência narrativa” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 49) e, por isso, cruza-se a Análise da Conversação com a perspectiva narrativa da pesquisa e as *pequenas estórias* (GEORGAKOPOULOU, 2015), porquanto “a vida [...] é preenchida de fragmentos narrativos, decretados em momentos históricos de tempo e espaço” (CLANDININ; CONNELLY, 2015, p. 48).

As conversações e narrativas se efetivaram em meio à realização de *entrevistas* – abertas e em profundidade – nas quais “o entrevistador introduz o tema e o entrevistado tem liberdade para discorrer [e narrar] sobre o tema sugerido [ou mesmo alterar o tópico] [...] As perguntas são respondidas dentro de uma conversação informal” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 74). Urge endossar que a informalidade e espontaneidade em entrevistas e conversas decorrem, em grande medida, da relação de confiabilidade estabelecida entre o sujeito pesquisador e sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, “a entrevista é compreendida como um evento social, em que o discurso é cooperativamente construído” (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 10).

Os dados de fala constituem um *corpus* com aproximadamente 3h de interações que ocorreram na varanda da casa de dona Pedrina. É fato que a natureza das narrativas, o tipo de abertura – mormente estabelecido no movimento de construção conjunta do discurso nas entrevistas e conversas – e o próprio horizonte contudinal são dimensões dependentes dos vínculos construídos e do processo macro de negociação intersubjetiva.

Os sujeitos protagonistas deste estudo são os irmãos e irmãs da família Conceição Silva: sr. Eusébio (84), sra. Maria Benedita (64) e sra. Pedrina (60, *in memorian*⁷), moradores(as) antigos(as) de Arara. Para tanto, os dados de fala específicos deste artigo são oriundos de interações ocorridas no último trimestre do ano de 2020, no bojo da pesquisa de campo de Carmo (2021) realizada durante a pandemia do novo coronavírus entre 2020-2021. Por isso, foram seguidos rigorosos protocolos de distanciamento social e de segurança⁸, além do disposto na legislação quanto à pesquisa com seres humanos⁹ (BRASIL, 2016).

De início, todo o material foi transcrito, conforme o padrão mormente empregado na Análise da Conversação e com fonte específica:

Tabela 01 – Chave de transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entonação enfática	Maiúscula
Prolongamento de vogal e consoante	:::
Silabação	-
Interrogação	?
Qualquer pausa	...
Comentários descritivos do transcritor	((minúscula))
Superposição, simultaneidade de vozes	Ligando as linhas
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em algum ponto	(...)
Citações literais de textos, durante a gravação	“entre aspas”

Fonte: Adaptado de Preti (2005, p. 19-20).

7 Este trabalho é dedicado carinhosamente à dona Pedrina que faleceu em 25 de março de 2021.

8 Como forma de garantir segurança nas interações, utilizou-se máscaras de proteção, álcool em gel 70% e, em vários momentos, as conversas se deram com presença de agente de saúde, assim como algumas conversas ocorreram após à aplicação da 1ª dose da vacina contra a Covid-19. Houve ainda contatos prévios para agendamento das conversas e caso os sujeitos se sentissem seguros.

9 Com efeito, os áudios que compõem o corpus são originados de pesquisa de tese, embora este estudo seja, na verdade, um desdobramento analítico distinto, um olhar específico sobre os dados de fala ainda que relacionado à referida pesquisa que, por seu turno, teve aprovação em Comitê de Ética e Pesquisa – CAAE: 31347520.8.0000.8467. Os sujeitos da pesquisa assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, permitindo uso dos nomes verdadeiros em publicações científicas, educacionais e sem fins lucrativos. Daí, portanto, a dimensão ética no trato com dados de fala.

No segundo momento, sintetizou-se o fluxo dos tópicos discursivos desenvolvidos na interação (JUBRAN, 2015), isto é, as temáticas construídas para contextualização das pequenas histórias, determinadas em diversos subtópicos – SbT a partir do super-tópico – ST “lembranças de Arara”. No terceiro momento, foram destacadas somente as ocorrências de sobreposições de falas e “engates” que exprimem trabalho de coconstrução narrativa e corrememoração. Finalmente, analisa-se cada ocorrência no contexto de uma narrativa como forma de situar não só os elementos linguísticos descritos, como também a memória social local.

Na verdade, “a análise de como e o que as pessoas narram em entrevistas¹⁰ de pesquisa remete a estruturas socioculturais mais amplas, ao universo social no qual transitam os interactantes” (BASTOS; SANTOS, 2013, p. 13). Por conseguinte, elementos como o posicionamento, a construção social da realidade, o gerenciamento das identidades sociais e as avaliações sobre o mundo são partes indissociáveis da análise como um todo.

Vista sobre Arara: Caracterização da comunidade

Arara localiza-se no município de Teixeira de Freitas (BA), tendo surgido provavelmente ao final do século XIX entre diversas fazendas coloniais que outrora foram pertencentes ao município de Alcobaca (BA) (SAID, 2010). A partir das margens do rio Itanhém, que deságua no referido município e nasce no norte de Minas Gerais na aldeia dos Maxacalis em Fronteira dos Vales (MG), posseiros, negros, caboclos, mestiços, remanescentes de quilombolas e outros tantos sujeitos e famílias chegaram e “tomaram posses” em áreas de mata nativa (Mata Atlântica), atualmente chamadas de terras devolutas, assim como muitos moradores antigos adquiriram propriedades a partir de doações de fazendeiros ou comprando de antigos posseiros (CARMO, 2021) e muitos desses primeiros

¹⁰ Na verdade, as pessoas entrevistadas são importantes sujeitos da pesquisa que constroem o discurso na entrevista, assumida como evento interacional ou evento de fala e não somente um *locus* para coleta objetiva de informações (BASTOS; SANTOS, 2013). Pode-se afirmar que, em certos contextos, as fronteiras entre a característica institucional da entrevista e a “pura conversação” tornam-se mais fluídas em razão das relações construídas entre os sujeitos participantes e o grau de envolvimento estabelecido *in loco*. Trata-se de uma questão que merece aprofundamento em outra oportunidade a partir do *corpus* da presente pesquisa.

moradores eram oriundos de municípios como Caravelas, Alcobaça e de outras pequenas vilas e distritos baianos próximos.

Na imagem a seguir, tem-se uma pequena visão do ponto central da comunidade em estudo, a saber: a placa identificadora, a construção da sede da Associação de Moradores, a igreja São Benedito e a escola municipal, ao lado da propriedade dos(as) herdeiros(as) do sr. Izídio e sra. Maria Eldete que foram alguns dos moradores mais antigos da comunidade:

Imagem 01 – Ponto central de Arara (fotomontagem)



Fonte: Carmo (2021).

No que toca ao surgimento de Arara, como à própria formação do campesinato brasileiro, além de centenas de comunidades rurais negras, quilombolas, mocambos e outras configurações sociais, culturais e identitárias em geral, importa considerar que se deram sob às sombras da invisibilidade e exclusão estatais em um processo diaspórico de migração, surgimento e dissolução de formas camponesas em todo o Brasil no período pós-abolição (GOMES, 2015). Inúmeros bairros, sítios, roças de negros, vilas, microcomunidades de mestiços, ribeirinhos, indígenas, caboclos, dentre outras tantas formas de ajuntamento desenvolveram-se sem apoio de políticas públicas e sob forte estigma em uma conjuntura pós-colonial de estratificação (GOMES, 2015). É no âmbito desse cenário de resistência histórica que a comunidade Arara se insere e a análise das lembranças dos velhos leva em conta a inter-relação com esse horizonte.

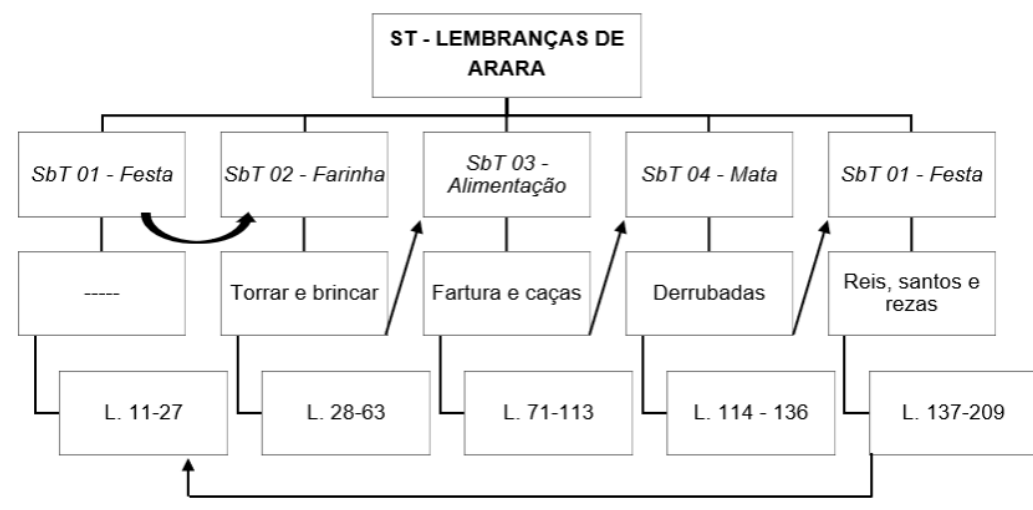
Sobreposições e engates em pequenas histórias de arara

As pequenas histórias neste estudo formam uma parte do conjunto de referências dos hábitos cotidianos, formas de trabalho, estratégias de sobrevivência, expressões culturais e religiosas que exprimem a substância social da memória (BOSI, 2004) de Arara. A seguir, a Figura 02 sintetiza os núcleos temáticos das narrativas que evocam as experiências e vivências dos sujeitos na comunidade, bem como exprimem as identidades sociais. Para Bamberg (2010), as narrativas-em-interação contribuem para conhecermos a coconstrução da memória e da identidade, entendendo-as como uma forma de sentido de si que depende de dimensões sociais, pessoais, coletivas e contextuais, situadas na tensão entre *continuidade vs. mudança*.

Os velhos de Arara foram convidados a narrarem sobre fatos, ocorrências, hábitos e quaisquer assuntos – tópicos discursivos na terminologia de Jubran (2015) – que fossem significativos ou que emergissem de imediato à memória, sendo importantes lembranças para os sujeitos. Como na conversação mormente um “assunto puxa o outro”, os subtópicos se desenvolvem ao sabor das memórias insurgentes, já que os interlocutores têm liberdade para discorrer e narrar. Cada subtópico pode configurar-se como uma pequena história ou mais. Porém, nem todo subtópico é construído apenas com cláusulas ou sequências narrativas, já que outras formas de sequenciação são possíveis concomitantemente. Em decorrência, cada excerto pode exprimir uma pequena história ou trecho de alguma outra narrativa, por sua vez, retomada ou sumariada nos comentários analíticos que reconstituem o conteúdo mnemônico. Daí, pois, do tema central “lembranças de Arara” desenvolvem-se quatro subtópicos – SbT, cada um desdobrando-se em novo subtópico abaixo de forma linear como indicado pelas setas, havendo ainda uma retomada do SbT 01 ao final da conversa.

Por isso, consoante à Figura 02, a(s) festa(s) na comunidade se apresentaram a priori. As linhas (L.) demarcam a posição de cada SbT na hierarquização tópica (JUBRAN, 2015):

Figura 02 – Esquema com a hierarquização tópica do *corpus*



Fonte: Elaborado pelo autor.

As festas de santo do catolicismo popular, especialmente devotadas a São Benedito ou à Nossa Senhora do Rosário, bem como as festas de batuques ao som de sanfona e pandeiro eram muito comuns no passado e foram fundamentais para a coesão social, aprofundamento dos laços familiares e alívio da rotina dura de trabalho no campo. Por isso, no passado, dada a própria estruturação familiar e necessidade de sobrevivência, desde muito cedo era preciso trabalhar e muitas famílias de Arara dependeram, por exemplo, da produção de farinha de mandioca:

Excerto 01 – Engate no SbT 02 “Torrar e brincar”

31 Maria eu mermo torrei farinha UM MÊS assim contado assim UM MÊS... TODO
32 DIA TODO DIA quin::ze carga de mandioca... quinze carga... num mês
33 assim ... aqui não oh era três forno... era três forno ali debaixo
34 Pedrina [é que
35 hoje em dia ali não existe mais né?

Ao relembrar como trabalhava na torração e feitura da farinha na antiga farinheira da família¹¹, dona Maria Benedita enfatiza o tempo gasto na tarefa e, muitas vezes, para participar das festas,

11 Note-se a presença das expressões dêiticas (“aqui” na L. 33 e “ali” nas L. 33 e L. 35) sinalizado para elementos no contexto da conversação, já que a referida farinheira – vide Imagem 2 – fica defronte à varanda da casa de dona Pedrina, na qual ocorreram as entrevistas e conversas.

era preciso primeiramente dar conta da produção de subsistência. Na L. 35 o marcador conversacional “né” sinaliza a preocupação da narradora em estabelecer o laço interacional e responsividade dos interlocutores. Na linha 33 do excerto 1, ao indicar o lugar onde trabalhava, dona Pedrina imediatamente complementa, por meio de um engate (L. 34), a narrativa de dona Maria Benedita, não só fazendo uma avaliação da pequena estória contada por Maria Benedita, como ainda reiterando as alterações ocorridas ao longo dos anos, já que sobrou pouco da antiga farinheira da família, que foi construída pelo avô delas:

Imagem 2 – Farinheira e propriedade da família Conceição Silva (fotomontagem)



Fonte: Bougleux Bomjardim da Silva Carmo (2021).

A produção de subsistência era coletiva e, para torrar a farinha na farinheira “puxada a boi”, era preciso revezar nas etapas. Esse processo também se dava com a produção de cacau, tanto nas fazendas produtoras da região, como a Cascata que foi um dos principais centros comerciais, de produção e de empregabilidade na primeira metade do século XX (CARMO, 2021; SAID, 2010), como na produção cacauzeira familiar. No excerto 2, mostra-se como o sujeito entrevistador também participa da coconstrução da memória, pois o comentário que insere a fim de estimular a continuidade tópica é imediatamente complementado por dona Maria na sobreposição terminal, o que demonstra a inter-relação entre todos os sujeitos na conversa:

Excerto 2 – Sobreposição terminal no SbT 02 “Torrar e brincar”

54 Maria era de todo mundo aí botava no meio assim num era de um só...
55 ali aquele muntueiro de gente ali botava cada dia botava um
56 cada um dia botava o outro e eu sempre torrando sempre torrando...
57 S.E. você trabalhava mais todo mundo...
58 Maria [todo mundo torrando torrando...

Torravam farinha desde criança, porém importa ressaltar que o trabalho infantil tinha uma outra conotação sociocultural entre os camponeses até o advento de importantes mudanças culturais e jurídicas, a partir das décadas finais do século passado relativamente à concepção de infância, o que faz da história do camponato e do trabalho infantil uma relação demasiadamente tensa e que ainda acarreta conflitos (REIS; MORAES, 2013).

No caso, era considerado comum e esperado que se começasse a trabalhar muito cedo por força da necessidade de subsistência. Porém, aos narradores, ficaram as lembranças afetivas da rotina na farinheira, das brincadeiras de criança ao montar o boi puxador da moenda e as vivências das festas em Arara, fato que evoca um universo de afetos muito variado expressos por dona Maria Benedita em um *engate* que completa o enunciado do sr. Eusébio nas linhas 63-64 no excerto 3, marcando o momento e o ritmo precisos da enunciação coconstruída:

Excerto 3 – Engate no SbT 02 “Torrar e brincar”

62 Maria COSTUMAVA aí a gente ia...
63 Eusébio e eu que () voltava UMA hora
64 Maria [UMA HORA DA MADRUADA... a gente
vinha
65 da festa a gente ia pra festa... terminava de torrar a farinha
a
66 gente saia pra festa... aí tinha festa... "Ah vamo embora lá
vamo
67 embora lá" quando chegava doze e meia uma hora vinha embora...
68 vinha embora só ia chegar em casa só ir na cozinha ir pra
69 farinheira botava fogo no forno e torrava... de novo num
dormia...

A ênfase dada por dona Maria (L. 64) quanto ao horário mostra que os adolescentes precisavam cumprir a rotina dura de pro-

dução se quisessem se divertir em alguma festa na comunidade, pois a maior parte dos moradores antigos eram ou são parentes em algum grau.

As festas ocorriam em terreiros ou nas casas de assoalho, nas quais costumavam tocar, cantar e dançar sambas de pandeiro, músicas tocadas por sanfoneiros, batuques e brincadeiras – tais como “tirar verso” e cantigas de roda – que se davam à luz de candeieiros em uma comunidade na qual a luz elétrica chegou apenas na década de 90 do século XX. Esse contexto festivo e o fato de os sujeitos terem narrado sobre a produção de mandioca e torração de farinha instigaram o sujeito entrevistador a questionar sobre a alimentação com vistas à exploração do conteúdo temático do SbT. Isso levou à alteração do SbT 02 para o SbT 03 “alimentação”, a fim de aprofundar como as práticas cotidianas se organizavam a partir dessa dimensão. Dona Maria, muito enfática (L. 72), assinala que toda a produção era para subsistência:

Excerto 4 – Sobreposição de acesso condicional ao turno no SbT 03 “Alimentação”

- 71 S.E. E como era a alimentação?
72 Maria ERA SÓ PRA CUMER... é ningué tinha isso não... tinha muita
73 fartura... AQUI MESMO TINHA... aqui mesmo tinha muita fartura...
74 Pedrina laranja banana e e...
75 Eusébio peixe no rio oh::: era só chegar pegar era rápido...
76 Maria [esse aqui era
pescador
e a gente lavava roupa lá no rio lá...
77
78 Eusébio [e empurrava um e outro aqui até
79 lá no rio... (risos) era só descer ladeira abaixo
80 Maria Naquela época naquela época era mais pesado assim... mas as
81 preocupações de hoje não tinha...
82 Eusébio [a população era pouco... não tinha
83 gente... a gente era pouquinho... lá era mato puro... aqui oh...

Note-se, no trecho acima, que as sobreposições ocorrem com funções diversas. Além disso, ao comentar como a pescaria no rio Itanhém foi fundamental para a subsistência em Arara durante muito tempo, na linha 76, dona Maria aproveita o acesso do turno para inserir nova informação na narrativa por meio de uma sobreposição – sr. Eusébio era pescador e havia muita brincadeira na descida até o rio para realização de certas tarefas domésticas.

Na linha 78, ocorre um *engate*, pois o sr. Eusébio complementa o turno e a enunciação de dona Maria.

As casas de dona Pedrina e sr. Eusébio ficam às margens do rio, por isso bastava apenas “descer ladeira abaixo”. Na L. 80, dona Maria prossegue contando como o trabalho era difícil, mas relativiza-o no tocante ao tempo presente em função dos tipos de preocupações atuais. Por sua vez, sr. Eusébio realiza uma inserção explicativa que fundamenta a pequena estória. No trecho do Excerto 04, vê-se com clareza a diferença entre uma sobreposição, que pode ocorrer em posição inicial, medial e final de turno de fala, e um engate que, por sua vez, ocorre geralmente em posição final de turno. No engate, há uma relação prosódica e temporal de complementaridade, tal como nas linhas 77-78 ter-se-ia um único enunciado – “a gente lavava roupa lá no rio e empurrava um e outro aqui até lá” –, porém coconstruído e proferido conjunta, linear e sequencialmente, no qual os sujeitos inserem diferentes eventos na narrativa dando-lhe maior coerência e informatividade em razão dos efeitos comunicativos esperados.

Se a pequena estória no excerto 4 centra-se no SbT da alimentação, a próxima narrativa constitui-se em uma retomada das estórias sobre festas:

Excerto 5 – Sobreposições e engates no SbT 01 Festa “Reis, santos e rezas”

141	Eusébio	ANTIGAMENTE...
142	Maria	tinha a brincadeira de catira
143		ESSA ÉPOCA VOLTA MAIS NUNCA...
144	S.E.	Então aqui tinha festa de reis?
145	Maria	TI:::NHA... tinha
146	Pedrina	[dançava de sanfona...
147	Maria	[era tudo na sanfona
148	Eusébio	sanfona e lampião... era pq não tinha energia
149	Maria	[era luz de
150		candeeiro... candeeiro... oh meu deus dança a noite toda
151	Eusébio	[não tinha
152		bagunça não tinha nada... nada nada... matava porco o povo comia
153		o pau quebrava não tinha antigamente tinha o santo o o: São
154		Benedito... antigamente... (são Sebastião) em janeiro... e
155		brincadeira de reis e o pau quebrava moço... era festa... TODO
156		MUNDO GUARDAVA DIA SANTO quem é que gosta de dia santo hoje? num
157		guarda... (capaz) até que cabou

O sentimento de saudosismo é esperado em uma conversação com velhos em razão da evocação de vivências reconstruídas, como na L. 143 na elocução enfática de dona Maria. Ao mencionar a *brincadeira de catira*, dona Maria propiciou ao entrevistador questionar sobre as festas de reis, o que estimulou imediatamente evocações conjuntas haja vista as sobreposições e engates em sequência.

Abreu (2010) ratifica que essas expressões festivas foram fundamentais para a formação de inúmeras comunidades quilombolas, negras e rurais tal como em Helvécia, que é uma comunidade quilombola em Nova Viçosa (BA), e no Extremo Sul baiano como um todo. Essas tradições têm perdido sua força no presente da comunidade Arara, entretanto foram fundamentais à organização social dos moradores, como diz sr. Eusébio: “não tinha bagunça”.

Nas linhas 146, 147 e 151 do excerto 5, tem-se sobreposições terminais, indicando que os sujeitos se aproveitam, no decurso dinâmico da conversa, do enfraquecimento final do turno de fala de seus interlocutores, seja inserindo informação nova na narrativa (vide L. 146), seja reforçando algo já dito (vide L. 147). Somente na L. 149, dona Maria insere um engate contíguo ao enunciado do sr. Eusébio ao mencionar que as festas se davam em um período que não havia energia elétrica. Assim tem-se o enunciado conjunto – “era porque não tinha energia, era luz de candeeiro” coconstruído via engate. Observe-se ainda que sr. Eusébio mantém um turno longo com uma pequena estória acerca da natureza das festas de santo, no qual há uma asserção avaliativa na forma interrogativa, pois suspeita que realizar ou “guardar” os dias de santo não seria mais uma prática comum na comunidade.

As festas religiosas eram concomitantes às festas consideradas profanas ou os limites entre ambas eram pouco marcados, já que o santo – normalmente São Benedito – era levado em procissão de casa em casa e mormente se realizava as rezas na sala da casa onde a comitiva, oriunda do distrito caravelense de Juerana a 45 km de Arara, repousaria. Em seguida, abria-se espaço para os sambas à base de “sanfona e lampião”, como disse sr. Eusébio (cf.

L. 148, excerto 5). No excerto a seguir, as constantes sobreposições e engates sinalizam, por exemplo, o envolvimento, a afetividade e o engajamento dos interlocutores na reconstrução mnemônica:

Excerto 6 - Sobreposições e engates no SbT 01 "Reis, santos e rezas"

169 Maria DAVA ASSIM COM AQUELA VONTADE ASSIM fazia tudo pra dar HOJE EM DIA
170 NINGUÉM BEBE UM COPO DE ÁGUA NA CASA ONDE FOR FAZER um negócio
171 desse... é...
172 Pedrina [é de primeiro mermo sempre a festa de são benedito aquela
173 que batia zabumba... é é dormia direto.. aqui em casa todo mundo
174 Maria [samba (a gente
175 fazia) samba
176 Pedrina [samba de São Benedito... é são Benedito saia e e aí vinha
177 dormir aqui em casa nós vinha das casas dos outros.. pra sambar a
178 noite toda... aí sambava sambava a noite toda
179 Maria [GOSTAVA GOSTAVA de sambar eu GOSTAVA mesmo...
180 Pedrina [sambava a noite
181 toda e ainda vinha aí papai fala assim "se vocês for pra lá amanhã
182 vocês for dormir vocês vão ver:." (risos) aí

No excerto 6, dona Maria avalia como no passado as festas se davam em maior partilha e, na L. 172, dona Pedrina insere novas informações via engate, mostrando como a música era realizada. Dona Maria intervém, nas L. 174 e L. 179, com duas sobreposições reforçando a informação ou exprimindo enunciados de valor afetivo pela ênfase prosódica dada. Em novo engate na L. 176, dona Pedrina complementa a fala de dona Maria, evocando a procissão de São Benedito e a realização dos sambas que podiam durar toda a madrugada, bem como traz ao discurso uma "fala" de seu pai, ilustrando as exigências impostas para participarem das festas.

A rigor, destaca-se a importância das festas de reis como expressões culturais que mesclam elementos do catolicismo popular e de tradições afro-brasileiras (ABREU, 2010). Essas folias, mencionadas no trecho acima, tinham suas raízes em festejos como as de São Benedito, São Bernardo, São Sebastião e marujadas que ocorriam nos municípios de Prado, Alcobaça e Caravelas na Bahia, nos quais muitos dos ancestrais de Arara vivenciaram.

Para Abreu (2010), muitas dessas festas mantiveram o seu vigor como tradições que marcaram algumas comunidades do Extremo Sul baiano, tais como a festa de São Sebastião que ocorre, por exemplo, em Cumuruxatiba, distrito de Prado (BA), a folia "Cristãos

e Mouros” em Barra de Caravelas (BA), a dança bate-barriga em Helvécia, distrito de Nova Viçosa (BA), a marujada em Alcobaça (BA), dentre outras. Sendo assim, os sambas, batuques e festas de samba em Arara que ocorriam “no tempo dos velhos”, como disse dona Pedrina, possuíam resquícios ou elementos dessas e de outras tantas expressões culturais que ilustram a mestiçagem cultural e as heranças afro-brasileiras¹² que são também efeitos da longa dominação colonial.

Como diz Kabengele Munanga (2019, p. 103-104), “se, do ponto de vista biológico e sociológico, a mestiçagem e a transculturação entre povos que aqui se encontraram é um fato consumado, a identidade é um processo sempre negociado e renegociado, de acordo com os critérios ideológico-políticos e as relações do poder”. Certamente, pensando em processos macros de aculturação e dominação colonial, voltaríamos ao predomínio da religiosidade católica imposta às populações negras. Esse predomínio se deu sob diferentes formas de violência física e simbólico-cultural ao longo do colonialismo.

No contexto sociocultural pós-colonial, é difícil precisar o grau de consciência dos sujeitos em relação a esse processo histórico. Com efeito, cada comunidade vive, a seu tempo, o processo de aquilombamento, isto é, a tomada de consciência das heranças afroindígenas (GOMES, 2015). De todo modo, fica evidente que os excertos analisados trazem à superfície do discurso narrativo, construído conjuntamente, experiências particulares ligadas às práticas comuns em Arara em determinado tempo histórico. As sobreposições e engates são fundamentais na construção narrativa, fazendo com que uma determinada estória seja “alinhavada” na tessitura textual no decurso da conversa.

12 A devoção a São Benedito também tem suas raízes neste contexto de hibridismo cultural. Não se pode esquecer que o sincretismo religioso alimentado pelo catolicismo colonial foi fundamental não só para a estigmatização de outras religiosidades, como também a atribuição de novos papéis aos “santos” e “santas” negras como parte do processo de catecismo das populações negras, já que, conforme Anderson Oliveira (2007, p. 362), “ciente do seu papel na manutenção de uma estrutura social excludente, a Igreja multiplicou as suas ações ao longo do setecentos na tarefa de inserção dos chamados ‘homens de cor’ no interior da Cristandade”. Disso resultou, então, a “promoção de santos pretos que deveriam funcionar como exemplos de virtudes cristãs para os africanos e seus descendentes” (OLIVEIRA, 2007, p. 362).

Considerações Finais

O presente trabalho destacou a inter-relação entre sobreposições e “engates” com a estrutura conversacional, seu papel na configuração narrativa e com a memória social. Sendo assim, a descrição e análise empreendidas caminham *pari passu* ao conteúdo discursivo, às lembranças verbalizadas no decurso da interação e ao universo do cotidiano, ora comum e fruto das vivências dos sujeitos, uma vez que as práticas sociais via linguagem são também formas de organizar a experiência humana (BASTOS, 2004).

Na preocupação de narrar o que consideravam importante, os interlocutores – dona Maria Benedita, sr. Eusébio e dona Pedrina – construíram conjuntamente não só suas lembranças, mas parte da memória coletiva da comunidade. As sobreposições e os engates constituem-se estratégias fundamentais na construção das narrativas-em-interação, pois funcionam como parte da estrutura conversacional, mas também das pequenas histórias constituídas com o material mnemônico evocado no fluxo das trocas de turno. A intercorrência de vários tipos de sobreposições e engates indicam o engajamento dos sujeitos que também interpõem avaliações acerca do conteúdo aventado nas pequenas histórias e nos trechos de narrativas maiores.

Em todo caso, vê-se que as histórias se ligam à história de alguns municípios da mesorregião do Extremo Sul baiano e têm como horizonte um longo histórico de atravessamentos culturais apropriados por cada interlocutor e por cada comunidade de maneira particular. Observa-se ainda a atividade narrativa na conversação envolvendo uma dimensão hermenêutica de sujeitos que constroem suas identidades na interação (BAMBERG, 2010) a partir de seu próprio repertório cultural e de referências coletivas. Assim, as lembranças de Arara em *small stories* conduzem à mundanidade daquilo que a singulariza e a caracteriza. Convém ressaltar que no *corpus* há outras inúmeras pequenas histórias, mas que, em função dos limites deste trabalho, destacou-se apenas aquelas com sobreposições e engates.

Tais estratégias apresentam importantes funções sociocognitivas na conversação, são também efeitos dos estímulos das lembranças evocadas mormente com forte carga afetiva e contribuem para estabelecer a coerência do discurso narrativo co-construído. Igualmente, tem-se a função da informatividade assegurada no efeito da complementação enunciativa entre turnos. Isto é, cada sujeito contribui com “porções” da estória, visto que lembrar em conjunto reforça as identidades, as representações sociais e a memória coletiva. Resultante desse processo, a análise aprofundou a descrição dos engates presente em Preti (1991) em sua função na corrememoração, tendo em conta o diálogo cuidadoso entre categorias teóricas e descrições de campos epistemológicos distintos.

Não obstante, convém ratificar que no trabalho interacional, exprime-se a tentativa dos interlocutores de sustentarem uma estória, aproveitando as hesitações, as pausas, a diminuição do ritmo, o enfraquecimento entonacional, dentre outros “gatilhos” que se realiza para, prontamente, inserir elocuições complementares, dando continuidade tópica (JUBRAN, 2015). Concomitante, há o envolvimento e a atenção dos sujeitos na interação em um processo intuitivo que acaba por permitir reviver as experiências e os afetos narrados.

Das pequenas estórias sobre rezas, festas, alimentação e trabalho mostram-se os laços coletivos que marcam o passado de Arara que, no momento presente, trava novas lutas e busca novas referências, pois, ao lado dos velhos que ainda estão testemunhando as mudanças na comunidade, há os jovens e adultos construindo suas próprias estórias, experiências e memórias. O sr. Eusébio contou como “todo mundo guardava dia santo” no passado e já não se tem certeza se os mais novos o guardam. Resta, então, esperar e ver se guardarão as lembranças dos mais antigos, pois quanto ao “tempo dos velhos”, palavras de dona Pedrina – quando tudo da vida girava em torno de trabalho, santos, sambas, sanfona e lampião – “essa época volta mais nunca”, como dito por dona Maria Benedita. Mas isso é tema para conversas futuras, novas sobreposições e, quem sabe, novos engates.

Referências

- ABREU, Eduardo Luis Biazzi de. Identidade cultural: Comunidades quilombolas do extremo sul da Bahia em questão. *Revista África e Africanidades*, Rio de Janeiro, [s. v.], n. 8, p. 01-12, 2010.
- BAMBERG, Michael. Who am I? Narration and its contribution to self and identity. *Theory & Psychology*, Califórnia, Thousand Oaks, v. 21, n. 01, p. 1-22, 2010.
- BASTOS, Liliana Cabral. Narrativa e vida cotidiana. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 7, n. 14, p. 118-127, 2004.
- BASTOS, Liliana Cabral; BIAR, Liana de Andrade. Análise de narrativa e práticas de entendimento da vida social. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 31, n. especial, p. 97-126, 2015.
- BASTOS, Liliana Cabral; SANTOS, William Soares (org.). *A entrevista na pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.
- BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, Santa Catarina, Florianópolis, v. 02, n. 01, p. 68-80, jan./jul., 2005.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- BRASIL. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, maio 2016. Disponível em: http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/reso_16.htm. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto do Idoso*. 3. ed. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_idoso_3edicao.pdf. Acesso em: 10 ago. 2021.

CARMO, Bougleux Bomjardim da Silva Carmo. *"Era assim que era...": memórias, narrativas de velhos e sentidos de comunidade em Arara – Teixeira de Freitas (BA)*. 2021. 129f. Tese (Doutorado em Estado e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Estado e Sociedade, Centro de Formação em Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal do Sul da Bahia, Campus Sosígenes Costa, Porto Seguro, 2021.

CLANDININ, D. Jean; CONELLY, F. Michel. *Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COUTRIM, Rosa Maria da Exaltação. Algumas considerações teóricas e metodológicas sobre estudos de sociologia do envelhecimento. *Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 67-88, 2006.

DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra. *Analyzing narrative: discourse and sociolinguistic perspectives*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

DIONÍSIO, Ângela Paiva. Análise da conversação. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2004, p. 69-100.

FLANNERY, Mércia Regina Santana. *Uma introdução à análise linguística de narrativa oral: abordagens e modelos*. Coleção: Novas Perspectivas em Linguística Aplicada, v. 42. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

GARCEZ, Pedro de Moraes; STEIN, Fabíola. Organização da fala-em-interação: o dispositivo para o gerenciamento de fala sobreposta na conversa cotidiana em dados de português brasileiro. *Revista de estudos da linguagem*, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, p. 159-194, 2015.

GEORGAKOPOULOU, Alexandra. Small stories research. In: DE FINA, Anna; GEORGAKOPOULOU, Alexandra (orgs.). *The handbook of narrative analysis*. London: Willey Blackwell, 2015, p. 256-271.

GOMES, Flávio dos Santos. *Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2015 (Coleção Agenda brasileira).

GOODWIN, Charles. Narrative as talk-in-interaction. In: DE FINA, Anna; GEOGAKOPOULOU, Alexandra. *The handbook of narrative analysis*. London, John Wiley & Sons, 2015, p. 195-218.

HIRST, William & ECHTERHOFF, Gerald. Remembering in conversations: the social sharing and reshaping of memories. *Annu. Rev. Psychol.*, Princeton, v. 63, n. 21, p. 01-25, 2012.

JEFFERSON, Gail. A case of precision timing in ordinary conversation: Overlapped tag-positioned address terms in closing sequences. *Semiotica*, [s. l.], v. 9, n. 1, p. 47-96, 1973.

JUBRAN, Clélia Spinardi. "Tópico discursivo". In: JUBRAN, Clélia Spinardi (org.). *A construção do texto falado: gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2015. p. 85-126.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. A noção de "negociação" em análise da conversação: o exemplo das negociações de identidade. Tradução de Fernando Afonso de Almeida. *Gragoatá*, Niterói, v. 6, n. 11, p. 157-176, 2001.

LEVINSON, Stephen C. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges, Aníbal Mari. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

MARCUSCHI, Luis Antônio. *Análise da conversação*. 5. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. 5 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

NORRICK, Neal R. Collaborative remembering in conversational narration. *Topics in Cognitive Science*, [s. l.], v. 11, n. 4, p. 733-751, 2019.

OLIVEIRA, Anderson José Machado. Igreja e escravidão africana no Brasil Colonial. *Cadernos de Ciências Humanas – Especiaria*, Ilhéus, v. 10, n. 18, p. 355-387, jul./dez. 2007.

PAVEAU, Marie-Anne. *Os pré-discursos: sentido, memória, cognição*. Tradução Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PRETI, Dino (org.). *O discurso oral culto*. 3 ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005 (projetos Paralelos, v. 02).

PRETI, Dino. *A linguagem dos idosos: um estudo de análise da conversação*. São Paulo: Contexto, 1991.

REIS, Thais Barbosa; MORAES, Maria Dione Carvalho. Trabalho infantil, campesinato e políticas públicas. *In: Jornada internacional de políticas públicas: O desenvolvimento da crise capitalista e a atualização das lutas contra a exploração, a dominação e a humilhação*, 2013, 6, São Luis. *Anais [...]* São Luis, UFM, 2013, p. 01-10.

SACKS, Harvey. *Lectures on Conversation*. Oxford, Basil Blackwell, v. 1 & 2, 1992.

SAID. Fábio M. *História de Alcobaça: Bahia (1772-1958)*. São Paulo, 2010. Edição digital.

SCHEGLOFF, Emanuel. Overlapping Talk and the organization of turn-taking for conversation. *Language in Society*, Cambridge, v. 29, n. 1, p. 1-63, 2000.

SILVA, Caroline Rodrigues; ANDRADE, Daniela Negraes P.; OSTERMANN, Ana Cristina. Análise da conversa: uma breve introdução. *ReVEL*, v. 07, n. 13, p. 1-21, 2009.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos; NEGREIROS, Gil. Qual é o status tipológico da conversação? *Revista (Con) Textos Linguísticos*, Vitória, v. 13, n. 25, p. 79-98, 2019.

WERTSCH, James V. The Narrative Organization of Collective Memory. *Ethos*, Brooklyn, v. 36, n. 01, p. 120-135, 2008.